

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**EDUARDO DOS SANTOS HENRIQUE**

**PELO BURACO DA FECHADURA: GÊNERO, SEXUALIDADES E RELIGIÃO EM  
“A CASA DOS BUDAS DITOSOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

**Florianópolis**

**2016**

**EDUARDO DOS SANTOS HENRIQUE**

**PELO BURACO DA FECHADURA: GÊNERO, SEXUALIDADES E RELIGIÃO  
EM “A CASA DOS BUDAS DITOSOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador Prof. Dr. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Henrique, Eduardo dos Santos

Pelo buraco da fechadura : gênero, sexualidades e religião em "A casa dos budas ditosos", de João Ubaldo Ribeiro / Eduardo dos Santos Henrique ; orientador, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho - Florianópolis, SC, 2016.

38 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero. 3. Sexualidades. 4. Religião. 5. Literatura. I. Maranhão Filho, Eduardo Meinberg de Albuquerque . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

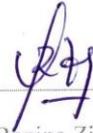
**EDUARDO DOS SANTOS HENRIQUE**

**PELO BURACO DA FECHADURA: GÊNERO, SEXUALIDADES E RELIGIÃO  
EM "A CASA DOS BUDAS DITOSOS" , DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

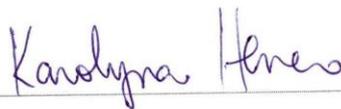


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Olga Regina Zigelli Garcia



Karolyna Marin Herrera



Marinês da Rosa

*Às minorias marginalizadas dentro, ou fora, das escolas.*

## AGRADECIMENTOS

“(…) Agradeço muito a Deus, por Ele me ter dado a força, a determinação, a inteligência e a coragem para levar adiante o dom que recebi de nascença, digo isto com devoção, os burros não acreditam, os inteligentes vêem logo que é verdade. Eu nasci com um dom que Deus me deu e honrei esse dom, diferente de muitos outros, talvez quase todos (...)”. (CLB, In: RIBEIRO, 1999, p. 145).

Ao Du (Professor Dr. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho), por ter sido um orientador que me proporcionou um enorme crescimento neste último semestre de GDE, além de muito compreensivo e generoso.

À Fá (Prof. Msc. Fabricia Machado Fernandes) pelo acolhimento no Polo de Laguna e por ter sido sempre muito prestativa, como tutora presencial, ao auxiliar toda a turma.

Especialmente à minha mãe e à minha tia Cris, por estarem sempre ao meu lado, me incentivando e ajudando a superar as dolorosas perdas que nossa família sofreu nos últimos tempos. Obrigado!

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política, no último ano, quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores

conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*O meu enunciado é fruto de muita vivência e processamento dessa vivência. (CLB, In: RIBEIRO, 1999, p. 140).*

## RESUMO

A construção social do gênero possibilita uma ampla discussão a respeito de valores, relações de poder, igualdade e justiça entre homens e mulheres. O ambiente escolar pode se configurar em um poderoso meio para a promoção de Direitos Humanos, com ações afirmativas na conscientização de sujeitos quanto à importância do combate ao machismo, sexismo, heterossexismo e homofobia, além de outras violências e preconceitos que envolvem gênero e sexualidade. Em sala de aula, ao realizar uma análise de uma obra literária, novas perspectivas podem ser dadas a temáticas extensamente reproduzidas na sociedade. A partir de análise documental da obra “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, levando em consideração aspectos não apenas literários, mas envolvendo fundamentações teóricas das categorias gênero, sexualidades e religião, espera-se contribuir para que a escola possa formar cidadãs e cidadãos preparadas/os para conviver com múltiplos valores e referências e preocupadas/os em compor uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Sexualidades. Religião.

## **ABSTRACT**

The social gender construction enables a wide-ranging discussion about values, power relations, equality and justice between men and women. The school environment may be configured as a powerful mean for the promotion of human rights, with affirmative actions in the awareness raising of subjects regarding the importance of fighting machismo, sexism, heterosexism and homophobia, in addition to other violences and preconceptions that surround gender and sexuality. In classroom, by carrying out an analysis of a literature work, new perspectives may be given to themes widely reproduced in society. Based on documental analysis of the work “House of the Fortunate Buddhas”, by João Ubaldo Ribeiro, considering not only literary aspects, but also articulating theoretical basis of gender, sexualities and religion, it is intended to contribute in order to make the school capable of forming citizens prepared to coexist with multiple values and references and concerned about composing a more egalitarian and fairer society.

Key-words: Literature. Gender. Sexualities. Religion.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>ELEMENTOS TEXTUAIS E AUTORIA .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO EM “A CASA DOS BUDAS DITOSOS” .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>UM DIÁLOGO PEDAGÓGICO COM “A CASA DOS BUDAS DITOSOS”: A LITERATURA COMO FERRAMENTA CAPAZ DE OPORTUNIZAR DIVERSOS MODELOS DE REFERÊNCIA EM GÊNERO E SEXUALIDADES.....</b>	<b>33</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade repleta de desigualdades constituídas com base em diferenças de sexo. A construção social do gênero<sup>1</sup>, determinada pela história e pela cultura, traz à tona uma ampla discussão a respeito de valores, relações de poder, igualdade e justiça entre homens e mulheres.

Sabe-se que para se alcançar a equidade social, nas questões que envolvem as diferenças de gêneros, é necessário traçar metas e arquitetar amplas discussões sobre o assunto. Sabe-se, também, que a escola é um espaço que, atualmente, em meio a uma forte onda reacionária, marcada pelo retrocesso em discursos e ações<sup>2</sup>, que prima pelo ultraconservadorismo e fundamentalismo, e que tenta, cada vez mais, padronizar comportamentos e desvalorizar diferenças consideradas naturais e importantes para o convívio em sociedade, propicia discursos discriminatórios em relação às questões que envolvem a diversidade humana.

A universalização do acesso à educação foi uma conquista imensurável para o Brasil, nos últimos anos. Com ela, a escola passou a receber demandas cada vez maiores e mais diversas, fazendo-a, ao menos em nível teórico, repensar determinadas práticas e condutas de exclusão e buscando, em alguns casos, cada vez mais, acolher a todos e todas. No entanto, para se tornar de fato uma instituição social como prática de liberdade de pensar, ser e agir, há a necessidade de considerar como práxis curricular a reflexão constante, e sem hipocrisia, sobre questões articuladas de maneira interseccional que envolvem a diversidade humana que compõe a escola.

---

<sup>1</sup> Entende-se por gênero a categoria de análise que lida com os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, cujo desempenho é determinado por normas e regras sociais. Nessa perspectiva, gênero se difere de sexo, a medida que este se configura por características biológicas mensuráveis dos seres, como cromossomos, hormônios e órgãos (Fêmea: Cromossomo XY, vagina, útero. Macho: cromossomo XX, pênis, testículo. Intersexual: uma combinação entre os dois anteriores) e aquele é constituído pela cultura (Homens: força, coragem, azul. Mulheres: fragilidade, subserviência, cor-de-rosa).

<sup>2</sup> Como exemplos de discursos e ações ultraconservadoras e fundamentalistas pode-se citar as recentes discussões políticas que envolveram os Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação, em que uma série de restrições foram impostas a respeito do trabalho com gênero e orientação sexual em sala de aula; a ausência de leis que garantam o casamento igualitário e punição severa a crimes de preconceito e discriminação motivados por homo/lesbo/transfobia e a tramitação de projetos de leis abjetas como o Estatuto da Família, que tenta definir o que pode ser considerado uma família – excluindo, entre outras configurações, a união entre pessoas do mesmo sexo.

Nesse sentido, o ambiente escolar pode contribuir com ações afirmativas na conscientização de sujeitos quanto à importância do combate ao machismo, sexismo, heterossexismo e homofobia, além de outras violências e preconceitos que envolvem gênero.

Assim, falar sobre gênero, sexualidades, raça e etnia, deficiências, religião e outros temas deve ser encarado pelas escolas como uma maneira, talvez a mais importante, de vencer desafios relacionados ao preconceito, à intolerância e à discriminação<sup>3</sup> de sujeitos historicamente oprimidos e silenciados por serem considerados inferiores (aos homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais, sem deficiência, cristãos, ricos e com elevado nível de escolaridade).

Nesse contexto, insere-se a literatura, arte e expressão por meio de palavras e textos, como uma disciplina (ou parte integrante de uma disciplina, no caso a Língua Portuguesa), que lida com abordagens reais e fictícias das produções literárias de autores e autoras em diferentes épocas e lugares. Ao realizar uma análise de uma obra literária, o texto nela presente dispensa a adequação à realidade, contudo, apesar de fictício, não abandona sua relação com o real. Isso ocorre porque a literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas, criadas pela imaginação. Sendo assim, um texto literário apresenta muito mais que uma história contada. Apresenta a possibilidade de inferir sobre o contexto de uma geração, em uma localidade, e acerca dos hábitos e vivências de sujeitos localizados em tais tempos e espaços.

Na literatura, novas perspectivas são dadas a temáticas extensamente reproduzidas na sociedade. É o que ocorre, por exemplo, na obra “A casa dos budas ditosos”, em que o autor, João Ubaldo Ribeiro, apresenta um olhar de desconstrução sobre tudo o que tradicionalmente vem sendo reproduzido por representantes de instituições religiosas, sobretudo cristãs, em relação ao pecado da luxúria. Aliás, em momento derradeiro do romance, quando afirma, através da voz da narradora personagem, que “quem peca é aquele que não faz o que foi criado para fazer”, Ribeiro (1999, p. 160) chega a questionar até mesmo a ideia de que a luxúria seja um pecado. Ao apresentar o ponto de vista de CLB, uma mulher sexagenária e à beira da morte, a respeito das vivências sexuais dela, o autor torna sua obra passível de uma análise, associando-a e/ou contrapondo-a à literatura científica sobre gênero, sexualidade e religião.

---

<sup>3</sup> Compreende-se, em conformidade com Bandeira e Batista (2002), preconceito como a ideia da atribuição social de um valor negativo à diferença de outra pessoa. Ele pode servir como instrumento de manipulação e de dominação à medida que (re)produz distinção e tratamento diferencial, como a discriminação, a exclusão, a intolerância e outras formas de violência.

Na abertura do livro, João Ubaldo Ribeiro declara não ser o autor do romance, mas um mero transcritor que recebeu o relato de CLB em “fitas K7”, deixadas com o porteiro do prédio onde ele morava. Ao fazer tal observação, o autor deixa clara a intenção de eximir-se de responsabilidades quanto aos conteúdos e excessos cometidos durante a narrativa das memórias de CLB, visto que, ao declarar-se católica politeísta e pansexual, ela contesta condutas morais e ataca a linguagem do politicamente correto. Na busca por uma educação libertadora e sem hipocrisia, em que o relato transgressor da narradora personagem de “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, pode contribuir para a abordagem dessas temáticas em sala de aula?

Objetiva-se, portanto, analisar a obra “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, articulando sua narrativa às categorias gênero, sexualidade e religião, a partir do diálogo com autoras e autores que se dedicam ao estudo dessas categorias, para entender e pensar o relato de CLB e discutir a possibilidade de proporcionar, em sala de aula, reflexões sobre gênero e diversidade visando ao acolhimento e à não exclusão.

## 2 ELEMENTOS TEXTUAIS E AUTORIA

O romance “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, trata de um dos sete pecados capitais, a luxúria. Ribeiro, um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos, nasceu em 1941, na Ilha de Itaparica, na Bahia, e faleceu em 2014, no Rio de Janeiro. O imortal da Academia Brasileira de Letras trabalhou como jornalista, era licenciado em Direito e fez mestrado em Ciências Políticas na Califórnia. Escreveu romances, contos, crônicas e ensaios. Dentre o seu legado, traduzido para diversos idiomas, destaca-se “Sargento Getúlio” (1971), em que narra o banditismo do sertão, “Viva o povo brasileiro” (1984), romance histórico em que conta, a partir de personagens fictícias, 400 anos de história do Brasil e “A casa dos budas ditosos” (1999), considerado polêmico por apresentar o relato de uma mulher que nunca se furtou a viver.

O foco narrativo de “A casa dos budas ditosos” ocorre em primeira pessoa, tendo como narradora personagem CLB, uma mulher de 68 anos, nascida na Bahia e residente no Rio de Janeiro, provavelmente um *alter ego* do autor, que deixa pistas do plano de representação da consciência autoral. Assim como João Ubaldo Ribeiro, CLB é formada em direito e faz mestrado na Califórnia. Ambos são baianos que, em determinada época de suas vidas, fixam-se no Rio de Janeiro.

Em uma nota preliminar, Ribeiro explica que, um pacote com os originais do livro fora deixado na portaria de seu prédio, junto com um bilhete assinado por CLB que autorizava a transcrição dos áudios e a publicação do texto por ele, embora preferisse que a verdadeira origem fosse revelada, ao ser noticiado pela mídia o fato de que a editora o havia encomendado um romance sobre a luxúria. CLB supostamente informou que o relato era verídico e que se manteria anônima por “ser irresistível deixar as pessoas sem saber no que acreditar”.

CLB é uma libertina que narra a sua existência inteiramente dedicada ao sexo. Em tom bem humorado e até um tanto sarcástico, a narradora dita para um gravador todas as modalidades de sexo que praticou sem demonstrar qualquer forma de arrependimento. Pelo contrário, ela chega a agradecer a Deus pela oportunidade de ter feito tudo que fez.

O leitor de “A casa dos budas ditosos” vê-se imergido em, como autotransclassifica CLB (Ribeiro, 1999, p. 17), “(...)um depoimento sócio-histórico-lítero-pornô (...)”, recheado com as aventuras sexuais dela própria, da pré-adolescência à terceira idade, passando por

incesto, sexo grupal, troca de casais, homossexualidade e sexo informático. Sem poupar o leitor de qualquer detalhe, CLB discursa espontaneamente e envolve seu relato em diversas menções a cânones da literatura, da filosofia e da psicologia.

Frequentadora assídua da biblioteca da fazenda de seu avô, na Bahia, desde a tenra idade, CLB se apresenta como uma mulher com bom nível sócio-econômico-cultural. Possui diploma de mestrado adquirido nos Estados Unidos, vive em um bairro nobre no Rio de Janeiro e viajou para diversas partes do mundo. Por sinal, foi de um camelô de Banguécoque que trouxe duas pequenas estátuas com as quais havia sonhado na noite anterior à gravação do relato. Dois Budinhas fazendo sexo, um macho e uma fêmea, réplicas das muito maiores que ornamentavam uma espécie de templo, chamado a Casa dos Budas Ditosos, homônimo ao título do livro de João Ubaldo Ribeiro. Segundo o autor (1999, p. 14), “Os noivos, antes do casamento, iam lá para venerar as estátuas e passar as mãos nos órgãos genitais delas. Era uma espécie de aprendizado ou familiarização, uma introdução a um casamento bom de cama”.

A narração feita por CLB acompanha fatos históricos desenrolados no Brasil durante o século XX e localiza “A casa dos budas ditosos” temporalmente entre o Estado Novo, década de 1930, e as vésperas do bug do milênio, passagem do ano de 1999 para 2000. Além da referência à Banguécoque, especialmente, o relato de CLB vaga pelo interior da Bahia, onde a narradora e protagonista passou sua infância e pré-adolescência, pela capital, Salvador, onde vai estudar até a graduação, pela Califórnia, onde faz mestrado e se casa com Fernando, homem tão liberal quanto ela. Mas é no Rio de Janeiro que, por escolha própria, ela passa a maior parte da sua vida, já que, segundo conta, (Ribeiro, 1999, p. 121-122), “nem Fernando nem eu conseguíamos aguentar a Bahia depois de 64, e todo mundo se mandou, e nós ficamos praticamente sem amigo nenhum, principalmente os que nós queríamos converter à nossa maneira de viver”.

A composição de CLB faz com que a obra de João Ubaldo Ribeiro ganhe notável visibilidade na literatura brasileira contemporânea, com intensa repercussão internacional, por apresentar uma narrativa pouco comum, que passeia entre o deboche e o chocante, sucumbindo o politicamente correto. A propósito, para a narradora, tudo que é dito em “A casa dos budas ditosos” não passa de banalidade que, a seu ver, não é assumida como tal pela sociedade que se guia por valores morais muito mais próximos da hipocrisia.

E não estou fazendo nada demais, a não ser contar a verdade. É de fato inacreditável, se você for ver bem, que contar a verdade seja escandaloso, quase subversivo, o

atraso, o atraso. Se todo mundo contasse, este depoimento seria apenas mais um entre milhões. (RIBEIRO, 1999, p. 132).

Ao escrever no feminino, o autor sugere a possibilidade de transgressão de papéis comumente associados às mulheres na literatura. Renegadas à categoria de objeto do olhar masculino, elas geralmente exercem as funções de mães, santas, virgens, prostitutas, amantes e bruxas. Raras exceções ocorrem quando autoras inserem em suas obras pontos de vista de personagens mulheres, elucidando particularidades e dando importância às visões de mundo de tais sujeitas. Com CLB, João Ubaldo Ribeiro desapropria o corpo feminino, tão reificado no discurso masculino. A narradora de “A casa dos budas ditosos” compartilha experiências próprias, expõe sua subjetividade sem se preocupar com amarras sociais e exalta o corpo feminino, na tentativa de driblar a ordem imposta pelo sistema patriarcal. (GUALBERTO, 2005).

Ao conquistar um espaço feminino relativamente novo nas páginas literárias, com o papel de mulher empoderada e capaz de discorrer livre, independente e despreocupadamente sobre a história da qual fez parte, CLB oferece a possibilidade, também, de uma análise abrangendo os campos de gênero, sexualidade e religião a partir de seu discurso irônico e inteligente.

### 3 GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO EM “A CASA DOS BUDAS DITOSOS”

Nas sociedades ocidentais, como a brasileira, por exemplo, o patriarcado é o principal fator para a disseminação da ideia de que os homens são detentores de poder e às mulheres cabe a subordinação, gerando relações desiguais de gênero. O sistema que oprime a mulher, classificando-a como sujeito delicado, menos forte e incapaz é chamado machismo. Portanto, as sociedades cujos homens são mais valorizados, possuem maior destaque e concentram o poder de decisão podem ser denominadas como sociedades machistas.

Tais sociedades não inferiorizam apenas as mulheres, mas todos os sujeitos que, de certa forma, desviam de regras simbólicas impostas pelos homens. Assim, todos que não se enquadram em padrões hegemônicos, de aparência e conduta, são oprimidos e discriminados. Nessa perspectiva, no Brasil, o padrão hegemônico vigente desde a chegada dos colonizadores é demarcado por homens cisgêneros, heterossexuais, brancos, ricos e cristãos. Pode-se incluir também a classe social abastada nesse contexto. Conforme Pedro (2015, p.131), “o que se está mostrando é a forma como as relações de gênero não só instituem o ‘verdadeiro sexo’, como atuam no regime de uma heterossexualidade obrigatória”. Dessa forma, quanto mais um homem se comportar de maneira considerada masculina, envolver-se afetivo / sexualmente com mulheres, possuir feições físicas europeias, frequentar igrejas tradicionais e for rico, mais respeitado ele será nessa sociedade e, conseqüentemente, mais espaço ele terá para usufruir e difundir seu discurso e, automaticamente, o inverso acontecerá com as mulheres.

É com as diferenças percebidas entre homens e mulheres, como as citadas anteriormente, que se ocupa a categoria gênero, definida por Scott (1990, apud Wolff e Silva, 2015, p.95), como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

A respeito das relações de poder, é possível dizer também que o discurso machista, cisgênero e heteronormativo imperou e impera em todas as esferas sociais tradicionalmente lideradas por homens. Uma dessas esferas é a cultura, na qual está inserida a literatura. Sabe-se que os cânones literários são, em sua totalidade, homens, senão brancos, embranquecidos pela história e, em sua maioria, heterossexuais. O mesmo ocorre com o autor de “A casa dos budas ditosos”. João Ubaldo Ribeiro era homem, branco e com poder

econômico de elite. Entretanto, ao construir CLB para o pitoresco romance encomendado para discorrer sobre a luxúria, ele rompe com o que até então vinha se escrevendo a respeito de mulheres, inclusive por autoras.

O estridente discurso de CLB, uma pessoa que desvia de muitas das regras impostas, e, de certa forma, “naturalizadas”, pelo machismo, por ser mulher, bissexual, economicamente autônoma e com um lado espiritual/religioso instituído por e para si mesma, por não concordar e nem agir conforme o que majoritariamente as religiões hegemônicas no contexto brasileiro solicitam e afirmam em relação à sexualidade, ecoou a ponto de incomodar setores mais tradicionais da própria literatura, sendo classificado como pornográfico e imoral e tendo sua venda proibida em Portugal – o que tornou o romance de João Ubaldo Ribeiro ainda mais popular e, de certa maneira, contribuiu para que o público leitor, formado, sobretudo, por pessoas que também desviam ou buscam desviar das regras hegemônicas, se identificasse com as quimeras sexuais da narradora-personagem que servem de pano de fundo para a apresentação de um interessante registro histórico sobre o percurso das mulheres no século XX e seus encaixos.

Assim como a história da categoria gênero, a narração de CLB possui ligações estreitas com a história do movimento feminista. Quando a narradora de “A casa dos budas ditosos” nasceu, na década de 1930, a mulher já tinha o direito ao sufrágio e ao acesso à educação, o que justifica o fato de ter estudado em bons colégios na capital baiana. Ademais, como filha de uma família de classe alta, CLB frequentou a universidade e, no exterior, concluiu um curso de mestrado. É nesse período, entre o final da adolescência e o desenrolar da vida adulta, portanto, por volta de 1950 a meados dos anos 1960, o que corresponde à segunda onda do feminismo, que a descrição das experiências sexuais e sociais de CLB ganha força na narrativa de João Ubaldo Ribeiro. A respeito da segunda onda do movimento feminista, Pedro (2015, p.118), esclarece que “surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele tempo, uma das palavras de ordem era: o privado é político”.

CLB discorre sobre as liberdades conquistadas pelas mulheres, tomando como base suas vivências e descobertas sexuais. A jovem baiana transgride regras ao apresentar-se como uma mulher que toma suas próprias decisões. É ela quem escolhe os seus parceiros e as suas parceiras sexuais, do primeiro ao último, e também é ela quem determina que não quer aderir ao casamento tradicional e ter filhos.

A postura social de CLB a enquadra em um perfil de mulher à frente de seu tempo. Entretanto, mesmo se autorretratando como grande beneficiária das conquistas das mulheres com o movimento feminista, ela tece duras críticas ao radicalismo que o sonda, quando deseja

(...) explicar que sou um grande homem e não digo que sou uma grande mulher pela mesma razão por que não existe onço, só onça, nem foco, só foca, tudo isso é um bobajol de quem não tem o que fazer ou fica preso a idiossincrasias da língua, como aquelas cretinas feministas americanas que queriam mudar *history* para *herstory*, como se o *his* do começo da palavra fosse a mesma coisa que um pronome possessivo do gênero masculino, a imbecilidade humana não tem limites. (RIBEIRO, 1999, p. 22).

Contrariando Gualberto (2005), salienta-se que CLB não se posiciona tendenciosamente contra o movimento feminista e que reduzi-lo não parece ser sua intenção ao tecer tal comentário, já que durante sua narração, ela própria se percebe como vítima do patriarcado e é solidária ao preocupar-se com outras mulheres também vitimizadas pelo machismo. Tal consideração pode ser comprovada quando afirma que, (Ribeiro, 1999, p.131), “(...) penso principalmente nas mulheres, gostaria que as mulheres, ao mesmo tempo em que se tornassem mais ousadas, se tornassem também mais abertas, mais compreensivas, deixassem de ser tão mulheres, por assim dizer (...)”. O que a narradora-personagem possivelmente contesta é a ala radical do feminismo que, muitas vezes, tenta inverter posturas machistas, oprimindo homens. Sobre tal conduta, CLB é enfática:

(...) não se pode querer ver a afirmação da mulher como uma vingança, agora vamos descontar e assim por diante, essa barbárie insuportável. Então, porque supostamente os homens nos oprimiram ao longo da História, agora é a nossa vez de oprimir os homens, para eles verem o que é bom. Não concebo estupidez maior, substituir uma merda por outra, preservando a baixaria humana (...). (IDEM, p.66).

O feminismo defendido por CLB centra-se principalmente no ideal de libertação sexual das mulheres. É como se ela mesma, não com militância formal, mas com sua própria maneira de viver e se posicionar diante das inúmeras possibilidades que o sexo lhe ofereceu, servisse de voz ativa contra, como apontam Garcia e Grossi (2015), a dialética opressora que associou o sexo não reprodutivo ao prazer, ao pecado e ao erotismo, negando o gozo sexual, sobretudo feminino, como valioso instrumento para se viver melhor.

A propósito, CLB foge ao padrão tradicional esperado para as mulheres e concebe a relação sexual como uma fonte de prazer e de satisfação, bem como percebe que homens e mulheres têm a mesma necessidade de sexo, assim, as sensações de culpa e de pecado não

fazem parte de sua rotina. Mesmo tendo sido criada dentro de dogmas católicos, CLB já se mostrava mais liberal na adolescência e, quando se tornou estudante universitária, as influências cristãs sobre valores relativos a gênero e sexualidade já não mais faziam sentido para ela, o que oportunizou o abandono da religião e, posteriormente, uma ressignificação de sua identidade religiosa e de sua concepção sobre o pecado.

(...) não sou realmente tão boa quanto gosto de me achar, embora me tenha na conta de enviada de Deus, sério mesmo. Mas não fico metida a besta com isso, antes humilde. Pode parecer mentira, mas eu acredito muito em Deus, foi Ele Quem fez tudo, louvado seja Deus. Existe maior sádico, no melhor dos sentidos, do que Deus? Não precisa ler Sartre, já que foi a moda das modas, basta participar de um papo de botequim filosófico. Deus, Deus, Deus, eu acredito muito em Deus, acredito na Providência Divina, acredito mesmo. Preguiça de explicar a quem é preso a paradigmas hebraicos ou conciliares. Simpaticíssimos os meus Budas ditosos, impossível deixar de gostar deles. (RIBEIRO, 1999, p. 87).

Garcia e Grossi (2015, p. 108), sinalizam que “essa combinação de fatores reflete, talvez, uma fase do ciclo vital de experimentação, em que à transgressão à norma, a rejeição a papéis predeterminados e a vivência de novas experiências tendem a ser comuns (...)”. É o que ocorre exatamente com CLB, que trata de se ocupar com práticas sexuais cada vez mais enquadradas nos “contextos culturais modernos”, (Idem, p.111), ou seja, fora do casamento (ou sem a necessidade de contrai-lo ou, ainda, não apenas com o marido, mesmo este participando junto), relacionando-se com pessoas sem distinção de gênero e sem o objetivo da procriação.

O relato de CLB remete, também, à terceira onda do feminismo, quando o enfoque passa a ser dado ao reconhecimento das diferenças que constituem cada indivíduo, ou seja, a consolidação do gênero como uma categoria se constitui, como ressalta Pedro (2015, p.128), “ (...) num ponto de apoio para constituições de subjetividades (...)”. Nesse contexto, surge a chamada teoria queer, que, de acordo com Wolff e Silva (2015, p. 101), questiona “de forma muito contundente conexão entre sexo, visto como uma determinação biológica, gênero, visto como uma determinação cultural e histórica, e orientação sexual, ou seja, as práticas sexuais das pessoas”. Assim sendo, a construção histórica que gira em torno do gênero esclarece-nos que as diferenças constitutivas entre as pessoas não focalizam apenas, de acordo com Pedro (2015, p. 127), “as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres”. Desta maneira, CLB se apropria de humor, como, aliás, faz durante todo o romance, para anunciar que

(...) o próprio machismo se voltou contra os machões, tornou o homem prisioneiro dele mesmo, obrigado a não chorar, não broxar, não afrouxar, não pedir penico.

Aquilo que, numa primeira visão, oprimia somente as mulheres oprimia mais os homens, que até hoje vivem cercados por um cortejo de mulheres fantasmagóricas, reais e imaginárias, sempre prontas a esquarterá-los, se o pegarem fora desses padrões. (...) sou uma feminista esclarecida-progressista, sou um grande homem fêmea. (RIBEIRO, 1999, p. 66-67).

Em diversos momentos da narrativa, o relato íntimo de CLB deixa de lado a esfera privada para tornar-se político. É o que ocorre, por exemplo, quando a narradora de “A casa dos budas ditosos” retrata condutas opressoras de homens sobre mulheres, afim de que elas cedessem às suas cantadas.

Acho que não há um só baiano dessa geração, e das duas ou três posteriores também, ou mais, que nunca tenha chegado a um amigo, ou à turma do bairro ou do colégio, par dizer “não digam a ninguém, mas eu peguei nos peitos de Guiomar por dentro”. Peguei nos peitos por dentro, frase mágica, muitas moças mais frágeis quase foram destruídas por essa frase e os “também quero, senão vou espalhar” que se seguiam. É inacreditável, mas havia sujeitos que chegavam para as meninas e diziam isto, e algumas cediam, é inacreditável. (IDEM, p.42).

Percebe-se que CLB não sucumbia às vontades de tais homens. No entanto, como ela mesma denuncia no fragmento citado anteriormente, havia as que se rendiam a fim de preservarem-se, já que, de fato, ceder ao que os homens propunham significava não ficar mal falada na sociedade e, conseqüentemente, manter a imagem de moça virtuosa ou moça para casar. Tal dominação sociodiscursiva de homens sobre mulheres compõe o quadro de violência simbólica de gênero.

Sendo gênero, evidenciado por Scott (1990, apud Wolff e Silva, 2015, p.95), como “um primeiro modo de dar significado às relações de poder”, quando se fala em violência de gênero, entende-se que, segundo Wolff e Silva (2015, p.103), “se trata de uma das expressões destas relações de poder entre o masculino e o feminino, que ratificam as relações de desigualdade entre homens e mulheres”. Problema que precisa ser enfrentado seriamente no Brasil, a violência de gênero deixam marcas profundas em suas vítimas, sejam elas físicas, psicológicas ou sexuais. Para Chartier (1995, apud Wolff e Silva, 2015, p.102), admitir a dimensão da violência simbólica “ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal”.

Muitas vezes, a violência simbólica amplia-se e as agressões tornam-se também físicas. Isso acontece por inúmeros motivos, mas, em muitos casos, estão atrelados a condutas sexuais. CLB descreve o caso de uma amiga de colégio que sofre violência simbólica e física motivada por conduta sexual, tendo como agressor o namorado.

(...) Uma conhecida minha era noiva, de aliança no dedo, de um rapaz muito conhecido, com quem todo mundo simpatizava, um rechonchudinho corado, gentil, educado, aberto, simpático mesmo. Eles eram um casal de pombinhos, todo mundo se referia a eles como pombinhos, um chamego e um carinho que chamavam a atenção, só apareciam juntos, aos beijinhos e alisadinhas. Namoro padrão, na Bahia. Pois bem, um belo dia acabaram. Foi um susto geral, dezenas de hipóteses e especulações e ninguém conhecia a versão correta. (...) Ela me contou que mantinha a virgindade com ele, mas, de resto, faziam uma porção de coisas, na verdade, agora ela sabia, uma porção de meras perfumarias. E ele foi o primeiro na vida dela, a única experiência que ela tinha. E aí estão os dois namorando numa balastrada deserta na Barra (...). Ela então ficou esfregando a cara para lá e para cá, por cima do pano da calça. E então (...) ela foi seguindo um curso natural, sem nem pensar no que estava fazendo. Abriu a braguilha dele e deixou que o pau pulasse fora. (...) Daí para pôr o pau dele na boca foi um instante e aí acabou o namoro. Ele de repente empurrou a cabeça para trás e deu um murro nela. Não um tapa, disse ela, mas um murro que lhe deixou o queixo roxo. Que era que ela estava pensando? Em que puteiro aprendera aquilo? Achava que mulher dele era para fazer aquela coisa nojenta, própria das mais baixas prostitutas? Se ele quisesse aquilo, ia procurar uma vagabunda na rua, não sua própria mulher. E que desenvoltura era aquela, onde havia aprendido aquilo, com quem já fizera aquilo? Nunca mais a beijaria na boca, não queria chupar homem nenhum por tabela. Casaria com ela, sim, porque já estavam comprometidos, mas nunca mais a beijaria na boca. Ela, que tinha caráter, decidiu que acabaria tudo naquela mesma hora. Na ocasião, não conseguiu dar a descompostura nele que pretendia, mas nunca mais quis saber dele, mesmo quando ele tomou corno de uma outra namorada e veio atrás dela no proverbial rastejar, mordido de arrependimento. (RIBEIRO, 1999, p. 59-61).

Depreende-se, portanto, mais uma faceta da violência de gênero: a tentativa de acuar a vítima, realizando uma inversão de papéis, em que o agressor tenta se tornar defensor dela. No caso narrado por CLB, após deixar marcas físicas e psicológicas na então namorada, o homem ainda tenta garantir, mesmo com ressalvas, um casamento para ela. Além de reforçar a humilhação sofrida, trata-se de uma visão extremamente machista pensar que garantir um futuro saudável e seguro para as mulheres significa lhes ofertar um casamento.

Cada sociedade, em determinada época, (re)significa o que é ser homem ou mulher. Como lembra Davis (1976, apud Pedro, 2015, p.127), o uso da categoria de análise gênero é útil também para “combater o determinismo biológico, focalizando a relação entre homens e mulheres, compreendendo as significações do gênero no passado”. Ao refutar diferenças sociais impostas pelos homens sobre as mulheres, CLB é taxativa quando diz que, (Ribeiro, 1999, p. 151), “(...) nunca me deixei engabelar por essas baboseiras que nos impingem como fazendo parte da natureza humana (...)”.

Certamente, uma dessas “baboseiras” que incomodavam CLB era a determinação de que as mulheres deveriam se manter virgens até o casamento. Ela mesma, durante a sua narrativa, teve de adiar inúmeras vezes a perda de sua virgindade por convenções sociais, pois pensava que estaria perdida caso sua primeira relação sexual não ocorresse com o seu marido e alguém viesse a descobrir.

Até hoje me espanta essa himenolatria. Era a honra da mulher, que horror. Ainda existe, sabia? E existe aos montes, é de cair o queixo, de vez em quando tomo um susto (...) E, de fato, é triste, acho que como ele próprio ainda disse, viver numa sociedade em que a honra feminina é portada entre as pernas, que coisa mais besta, meu Deus do céu. Mas, não é, não é? Às vezes me dá vontade de fazer um comício. Quantas vidas se perderam, quantos destinos se estragaram, quantas tragédias não houve, quantos conventos não foram abarrotados desumanamente, por causa da honra de tantas e tantas infelizes? (IDEM, p.39-40).

Por certo que, se alguém descobrisse que uma moça não era mais virgem, acabaria gerando uma punição para ela, que poderia sofrer escárnio para o resto de seus dias e não conseguir mais um casamento. De fato, o casamento era, e ainda é, a moeda de troca mais utilizada quando se trata de opressão às mulheres. A ideia de passar uma vida inteira solteira é frequentemente relacionada a castigo e, nos idos dos anos 1950, época que corresponde à juventude de CLB, tal proposição era ainda mais forte, o que levava ao desespero as moças que transgrediam a regra da virgindade como obrigatoriedade antes do casamento, fazendo-as tomar decisões ousadas para manterem-se moralmente íntegras.

Vários namorados meus, inclusive meus dois noivos, (...) achavam que eu era virgem e diziam abertamente que não tinham preconceito, mas só casariam com virgens. No segundo noivado, que chegou perto do casamento, (...) já estava pronta para fazer uma recuperação de minha condição virginal, restaurar o hímen. Muita gente restaurou, sei de vários casos, fico pasma quando penso nisso, mas é verdade, eu já tinha o nome de dois médicos aqui no Rio, já tinha planejado tudo. O passado me condena, me dá vergonha quando falo nisso. Mas era o tempo, tem que se dar um desconto, de longe as coisas pareciam fáceis; na verdade eram uma barra. (IDEM, p.33).

Outro tabu, quase intransponível ainda hoje, denunciado pela locutora de “A casa dos budas ditosos” está ligado à vestimenta feminina. O determinismo biológico, que tenta impor um mundo cor-de-rosa para meninas e um mundo azul para meninos, influenciou a maneira como homens e mulheres devem se vestir, gerando a coisificação de corpos, principalmente quando esses ficam à mostra.

(...) Era um tempo difícil mesmo, tínhamos que ser artistas em diversos campos. Um dia apareceram umas mulheres de calça comprida – isso eu já com uns trinta anos ou mais! (...) e houve um tumulto, da mesma forma que tiveram de chamar a polícia para tirar da praia umas francesas que foram tomar banho de mar de maiô de duas peças. Já havia uma multidão de homens na balaustrada, e por pouco as francesas não foram passadas pelo fio da espada ali mesmo. Como eu já disse, barra pesada, pesada mesmo (...). (IDEM, p. 36).

Um por necessidade e outras, caso de CLB, por vontade, já que, (Idem, p. 33), “(...) a hipocrisia da época era mais agressiva, dava muito gosto a quem desafiava seus mandamentos, acabava resultando num grande prazer, a transgressão era mais satisfatória, melhor para o ego (...)”, mesmo correndo o risco de sofrer as consequências, as mulheres

transgrediam as normas impostas pelo sistema machista, principalmente as originárias de tabus concatenados à sexualidade e ao prazer feminino. Entretanto, alguns cuidados eram tomados e maneiras muito criativas para driblar tais convenções sem sofrer punições, particularmente em espaços e momentos de intimidade com os rapazes, foram descritas pela narradora.

(...) nunca tomar a iniciativa e, apenas na terceira ou quarta tentativa, deixar, toda relutante e pudica, que ele puxe sua mão. E aí pegar de leve, como se estivesse tocando num bibelô de casca de porcelana, dedos hesitantes, mão quase flácida, até ele dar um risinho superior e grunhir “pode apertar”. E então ele explica, e você escuta atenta e receosamente, que é natural para uma mulher inexperiente pegar daquela forma, mas agora você sabe, deve-se apertar. E aí, a princípio sem muita convicção, mas logo fazendo progressos, você passa a apertar a vontade e até a abrir a braguilha dele (...). (IDEM, p.34).

Em uma sociedade em que as relações se caracterizam pela dominação, como a nossa, cujo poder é mais instituído pelos homens cisgêneros, heterossexuais, brancos, ricos e cristãos e estes, juntamente com instituições, como a Igreja, normatizam a sexualidade, muitas vezes encarando-a como universal ou conferindo-lhe imoralidades, a repressão sexual imposta a todas as pessoas que, de certa forma, a vivenciam de maneira contra-hegemônica, se configura como um sério obstáculo frente à tentativa de alcançar a equidade de gêneros.

Ao serem criadas “verdades”, como a patologização do prazer sexual da mulher, ao considerar seu sexo frágil, e de homossexuais, ao serem reputados como libertinos, contribui-se para a manutenção do *status quo* que atribui à sexualidade conotação pejorativa, passando a ser vista como um ócio ou um ato imoral quando vivenciada sem fins reprodutivos. Foi a partir dessa perspectiva que a heterossexualidade tornou-se um problema gerador de relações de poder, pois, sendo vista como universal, outras formas de prazer, de relações, de coexistências e de laços de amores passaram a ser negativas e, conseqüentemente, rejeitadas. Há, sobretudo nesse ponto, na transgressão da sexualidade, uma possibilidade, e necessidade, de resistência. (FOUCAULT, 1984).

A concepção de CLB, uma narradora mulher, para “A casa dos budas ditosos”, justifica-se pela necessidade de resistência afirmada anteriormente. Se CLB fosse um homem, seu discurso não ecoaria, e não incomodaria, tanto a ponto de provocar as repercussões que provocou. CLB seria visto como um macho mantenedor de sua libido e saciador do apetite sexual de parceiras e parceiros. Esse narrador provavelmente existiria entre o indiferente e o grosseiro em relação ao que pensava sobre e da forma como agia com integrantes de suas furtivas relações sexuais. A priori, mesmo que superficialmente, não haveria quebra de expectativa de leitores.

Com a CLB mulher, João Ubaldo Ribeiro dá novo viço às narrativas literárias femininas, uma vez que ela desconstrói um enredo esperado sobre a luxúria ao dominar a si mesma e responsabilizar-se pela satisfação dos seus desejos sexuais sem negá-los, mas, cada vez mais, afirmando-os como um traço que a constitui e do qual não tem motivos para envergonhar-se.

Munida de linguagem clara e sem rodeios, por vezes permeando a vulgaridade, CLB relata detalhadamente como resistiu ao transgredir qualquer forma de opressão imposta sobre a sexualidade das mulheres. Aberta à experimentação sexual despudorada, sem preconceitos e com pouquíssimas restrições, o que é possível afirmar no momento em que informa que “(...) necrofilia, coprofilia, muitas outras filias, não, definitivamente. Tudo bem para quem gosta, nada de repressão, a não ser à mutilação e à morte. Mas eu não. Tirando isso, fomos bastante fundo (...)”, (Ribeiro, 1999, p. 129), CLB desmitifica o sexo, tornando-o estilo de vida.

Contrariando comportamentos sexuais relativos às mulheres que procuraram consulta de enfermagem para tratar de sexualidade, em Florianópolis, entre os anos de 1993 e 2003, descritos em estudo sobre a vivência da sexualidade realizado por Garcia e Grossi (2015), CLB: sentiu-se protagonista de sua iniciação sexual, sem reagir apenas aos desejos masculinos, culminando com a presença de orgasmo para ela; a trilogia dor-medo-nervosismo não se fez presente em sua primeira vez, já que ela teve total controle sobre o acontecimento; mesmo tendo sido criada sob preceitos cristãos, sua prática sexual não é fonte geradora de tensão, de sentimento de culpa e de conflitos intrapsíquicos; não sente necessidade de dar uma resposta social no exercício da sua sexualidade, uma vez que posterga as expectativas construídas em relação ao gênero e prioriza às suas necessidades sexuais; o casamento não inibiu a sua iniciativa sexual, mesmo na conjugalidade, nem ela nem seu parceiro passaram a se ver como algo conquistado e que precisaria estar sempre disponível para a atividade sexual, posto que havia pactos entre CLB e Fernando, seu marido, que não os condicionavam à monogamia; não busca sentir um padrão de orgasmo estereotipado pela mídia e “ouve” seu próprio corpo e, justamente por isso, não tem orgasmo somente com penetração vaginal e nem coloca seu orgasmo e sua sexualidade “na mão do outro”, ela se apropria do próprio corpo e também obtém o orgasmo sozinha; CLB não se sente fora da normalidade por não corresponder às normas prescritas pelo discurso da sexualidade e, principalmente, não acredita que a juventude e um corpo perfeito favorecem a vida sexual satisfatória.

Adepta à máxima “(...) preferências, sim; exclusividade, jamais (...)”, (Ribeiro, 1999, p. 118), ainda a respeito das “normas prescritas pelo discurso da sexualidade”, para a

narradora de “A casa dos budas ditosos” é difícil compreender quem se declara total ou absolutamente heterossexual e, dessa forma, é também difícil entender o porquê de oprimirem tanto, com preconceito e discriminação, as pessoas que não se enquadram nesse modelo de comportamento sexual. CLB encara como “(...) atraso, vivemos segundo regras e padrões para os quais nenhum ser humano foi feito e, claro, ficamos malucos por isso (...)”, (Idem, 1999), ou seja, para ela, a opressão sofrida por pessoas que não puderam/podem viver de acordo com a sua natureza sexual, e, por isso, tornam-se sujeitas e sujeitos frustrados, é o motivo que os fazem também reprimir.

O preconceito compreende uma forma autoritária de pensar e de agir, por ser exercido como um modo racionalizado de controle social utilizado para alargar as distâncias e as diferenças entre as pessoas. Para tanto, cria-se uma ideia/imagem do outro, e a imagem de alguém sempre tem algum traço de poder. Não se trata de ideia de poder pela simples dominação, mas pela contaminação que pode motivar. Se não se atribui algum tipo de poder em relação àquele que é objeto da diferença, então não há preconceito. (BANDEIRA E BATISTA, 2002).

Retomando o estudo de Garcia e Grossi (2015) sobre comportamentos sexuais de mulheres que procuraram consulta de enfermagem em sexualidade, por não pertencer ao grupo de mulheres das camadas mais populares e por vivenciar práticas bissexuais, homoeróticas e homoafetivas, CLB: não tende a demarcação de fronteiras entre masculino e feminino, portanto não interpreta as necessidades sexuais masculinas como mais fortes e menos controláveis; sentiu-se protagonista da sua iniciação sexual ao invés de apenas reagir aos desejos masculinos; a conjugalidade não tornou a vida sexual ruim ou razoável e o casamento não inibiu suas iniciativas sexuais; verbaliza seus desejos e necessidades sexuais com maior facilidade; admite que as mulheres não têm orgasmo somente com a penetração vaginal; não vê sua bissexualidade como patológica e se sente incomodada com os estigmas sociais referentes à homossexualidade; não acredita que a mulher sexualmente deva ser passiva; não acredita que a mulher precise de homem para se satisfazer sexualmente; pensa que o sistema classificatório, no que diz respeito às práticas sexuais, não faz sentido, mas sim o prazer, o gozo e a vivência satisfatória da sexualidade.

(...) Agora, resumo minha tese explicitamente. Claro que não estou dizendo novidade nenhuma, nada do que se diz é novidade, especialmente isto, muita gente já disse isto, sou apenas uma vulgarizadora veemente. Heterossexualismo exclusivo, limitação. Homossexualismo exclusivo, limitação. Bissexualismo, normal, tanto assim que na infância desperta em todos e todas, sem exceção. Pansexualismo, o futuro, se até não acabarmos como espécie por força de vícios de origem que só

fizemos piorar e jogamos fora a chance de universalizar a força agregadora do amor (...). (RIBEIRO, 1999, p. 159-160).

CLB configura-se, portanto, como vanguardista quando, em pleno período de repressão ditatorial no Brasil, afirma ser a sexualidade uma dimensão múltipla e diversa da experiência humana. Para ela, não há certo ou errado, há erotismo, sensualidade e desejos como caminhos para a satisfação prazerosa através de relações sexuais, muitas vezes vista como instrumento de (auto)punição por ser concebida como pecado, notoriamente por religiões hegemônicas dominantes.

Nas igrejas cristãs, a homossexualidade é percebida a partir de alguns eixos, tais como opção, tendência, patologia física, distúrbios mentais, problemas familiares, possessão e pecado. Mesmo havendo reações diferenciadas dos atores religiosos às transformações em curso na sociedade, há tentativas de reversão da homossexualidade em heterossexualidade a partir de diálogos com os discursos das áreas médicas e da Psicologia, no processo de recomposição das crenças e valores de indivíduos e indivíduos. É notório que os grupos com maior dificuldade em aceitar a diversidade sexual são justamente aqueles que mantêm uma visão tradicional da inserção de homens e mulheres na sociedade e no âmbito religioso, uma vez que a suposta condenação bíblica à homossexualidade se dá pela aproximação de homens com o papel reservado às mulheres, especialmente no caso da prática do papel sexual passivo, apropriado ou determinado apenas para as mulheres. Agindo embasadas na naturalização e normalização da cis/heteronormatividade, em contraposição à normatização e prescrição de abjeção às transgeneridades e orientações românticas e eróticas não-hétero, as igrejas cristãs (não apenas elas, mas são as que se destacam por serem as principais expressões religiosas do país em termos de número de fiéis), além de discriminarem homo/bi/panssexuais (esta última nomenclatura foi sugerida por CLB para designar pessoas que sentem atração sexual ou romântica por pessoas independentemente do sexo ou gênero das mesmas, o que abrange homens, mulheres e os/as que não se sentem identificadas com o seu gênero incluindo interssexuais, transexuais e travestis), tornam-lhes passíveis de punições que podem se dar de diferentes formas, inclusive após a morte, quando estas pessoas seriam supostamente destinadas ao Inferno. (MARANHÃO Fº, 2015).

A narradora baiana renega a culpa e não admite a sexualidade como sinônimo de procriação. Aliás, engravidar sempre foi a maior preocupação de CLB e o dia mais feliz de sua vida foi quando descobriu que era estéril, já que, para ela (Idem, p. 156), “(...) sem esperma derramado, não existe sexo com homem, a camisinha é uma castração fundíssima, é uma privação cruel para as mulheres”. Logicamente, à época em que afirmou isso, não havia

grandes preocupações com doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS. Engravidar, sim, traria sérios prejuízos à liberdade dela, uma vez que provavelmente teria de abrir mão da satisfação de seus prazeres pessoais para dedicar-se à criação de uma criança. Para não engravidar, CLB mostra-se favorável à utilização de métodos contraceptivos e à interrupção de gravidez.

(...) Quando foi que chegou a pílula? Não me lembro bem, mas nós não éramos mais mocinhas, por aí se pode adivinhar o que nós vivemos, se bem que a repressão, como já observei, teve sua utilidade, até mesmo lúdica. Eu passei muito tempo sem saber que era estéril, só vim a saber muitos anos depois, de maneira que tinha tanto pavor de engravidar quanto Norma Lúcia e todas as outras, a não ser as chantagistas ou inseqüentes. Ela, por sinal, apesar das cautelas, tabelinhas, simpatias e remédios suspeitos, fez três abortos. Havia uns médicos conhecidos e comentados à boca não tão pequena, dizem que até bons médicos, que faziam abortos. A clientela devia ser fortíssima, só podia ser. Quem podia, vinha fazer os abortos aqui no Rio, para despistar. Mas, claro, eu, graças a Deus, não tive que fazer aborto e agora, olhando para trás, vejo que Deus sabe mesmo o que faz, porque eu não ia dar para mãe, ia ser uma mãe horrenda e talvez até comesse meu próprio filho, conheço uma meia dúzia de três ou quatro dessas Jocastas por aí, nada no mundo é impossível, isso é até relativamente comum (...). (IDEM, p. 52).

Outra hipocrisia denunciada em “A casa dos budas ditosos” a respeito da dominação machista sobre a sexualidade das mulheres está centrada no mito da maternidade, que diz respeito à visão fantasiosa de que toda mulher nasce com o dom de ser mãe. Tal ideia contribui para a permanência da criminalização do aborto até os dias de hoje. No entanto, o relato de CLB reforça a noção de que, mesmo sendo proibido, o aborto acontece e vários são os métodos utilizados pelas mulheres que, porque desejam ou porque precisam, interrompem uma gestação. No entanto, as mais ricas o fazem com mais segurança do que as mais pobres e, assim, os riscos advindos do aborto para a saúde da mulher são mais sentidos por estas do que por aquelas.

CLB também faz menção à tabelinha menstrual, outro método contraceptivo, baseado em um cálculo realizado a partir de um calendário, para saber o início e o fim do período fértil e, assim, poder evitar relações sexuais. Desta vez, o que chama a atenção na narrativa é a maneira como as mulheres conseguiam a “tabelinha”: beirando a clandestinidade.

(...) A tabelinha, a famosa tabelinha! A tabelinha saía em certos livros ou em forma de folhetos sempre de aparência clandestina, que as mulheres não tinham coragem de mostrar e muito menos de comprar. Era uma verdadeira maçonaria, mulheres casadas compravam para dar secretamente às amigas solteiras, tudo se passava entre cochichos e trocas furtivas de embrulhinhos, referências em código, uma subcultura completa, hoje perdida como as revistinhas de Carlos Zéfiro. Alguns desses livrinhos eram aterrorizantes, com detalhes intimidadores sobre umidade vaginal, temperatura e tantas outras coisas que muita mulher deve ter preferido a castidade a

tanta aporrinhção por uma coisa que já não falava à alma tanto assim. Agora existem programas de televisão para os católicos, naturebas, doentes e outros, que não usam ou estão proibidos de usar qualquer outro meio de evitar filhos (...). (IDEM, p.74).

Com a intenção de escrever sobre o pecado da luxúria, João Ubaldo Ribeiro cria, em sua obra, uma narradora-personagem voltada à emancipação humana ao se perceber como mulher sujeito de sua vida. A ruptura com as mais variadas formas de opressão e a superação da ideologia de naturalização da subalternidade feminina torna CLB consciente de sua condição e dos atos que pratica. Seu enunciado, (Idem, p.140), “fruto de muita vivência e processamento dessa vivência”, se firma a partir do momento em que ela passa a desconsiderar e desconstruir discursos de austeridade, sobretudo religiosos, que lhe são inculcados desde a infância e chega a repudiar o entendimento de que a luxúria seja realmente um pecado.

Costa e Silva (2007), baseando-se na filosofia de São Tomás de Aquino, sugerem como pecado algo que tonaria uma pessoa reprovável aos olhos de Deus, sendo que a humanidade já teria uma inclinação à conduta pecaminosa, configurando-se como o oposto das virtudes. Sobre a luxúria, os ensinamentos do teólogo italiano são taxativos:

A luxúria é uma palavra formada a partir de *luxus* que significa excesso, que vem de oposição à moderação: é o vício oposto à castidade. Ensina-nos Tomás de Aquino que se pode pecar pela luxúria de dois modos: Primeiro, de um modo que contrarie a reta razão (é o caso da fornicção, do adultério, do incesto...); segundo, de um modo que, além disso, contrarie a própria ordem natural do ato venéreo que convém à espécie humana. É o que constitui o vício contra a natureza. E dentre os vícios da luxúria, explica o Teólogo, um tem gravidade especial em relação às outras espécies de luxúria, aquele que é contra a natureza humana, a saber o homossexualismo: “sim, pois o adultério, a fornicção e o incesto, por abomináveis que sejam, são praticados entre um homem e uma mulher, de um modo conforme a natureza, embora contrário à reta razão.” Donde conclui S. Tomás que o vício contra a natureza que inclui o homossexualismo é o maior pecado entre todas as espécies de luxúria. (COSTA E SILVA, 2007, p. 7).

Refutando a ideia de luxúria formulada por Tomás de Aquino, CLB não se considera pecadora, pois afirma que “(...) quem peca é aquele que não faz o que foi criado para fazer. E eu fiz o que Ele me criou para fazer (...)”, (Ribeiro, 1999, p. 163), Assim, ela se considera “(...) uma predestinada, uma escolhida dos deuses (...)”, (Idem, p. 30), e, até mesmo, a voz de Deus, contrariando quem tente representá-la como a voz de Satanás, “Não só porque a voz da luz e da inteligência é a voz de Deus, mas porque sou mesmo a voz de Deus” (Idem, p.161), e para justificar com o mínimo de coerência o que profere, CLB busca na própria Bíblia fundamento para o que diz.

(...) Não sou profeta, muito menos o Messias, mas sou a voz d'Ele como na teofania do livro de Jó – onde estáveis, quando Ele criou as fêmeas e os machos e lhes deu cada centelha de desejo cego um pelo outro e lhes deu como misturar-se livremente uns com os outros? Onde estáveis, quando ele criou todos os mistérios que levam ao Desejo e à tesão e tornam sublimes os abraços? Onde estáveis, quando Ele criou as ânsias imortais que agora forcejais por sacrilegamente abafar e matar? Onde estais, depois que Ele vos deu o poder do prazer inocente e agora cuspis nesse poder e pretendeis que vossas palavras valham mais que as d'Ele? (IDEM).

CLB leva tão a sério a hipótese de ser uma enviada divina para desmitificar a luxúria na Terra que, em dado momento de sua narrativa, quando rompe com o primeiro namorado para que ele não descubra que não é mais virgem, e também porque considera insuportável a ideia de ter de casar e viver o restante de sua vida com um único homem, que certamente a privaria de muita coisa, ela acredita incorporar o próprio espírito da luxúria para realizar a despedida da maneira que mais gosta: regada a sexo.

(...) Quando cheguei lá, abri a capota, fiquei de pé e tirei a roupa. Em seguida, mandei que ele tirasse também a roupa, enquanto eu me requebrava, em pé no banco de trás. E aí, com uma lua descomunal iluminando a barra da baía de Todos os Santos, eu encarnei todas as deusas do amor, todas as diabras desabridas que povoam o universo, a Luxúria com suas traiçoeiras sombras coleantes e seus estandartes imorais, seu chamado à devassidão, à dissipação e à entrega a todos os gozados de todos os matizes até chegar à morte lasciva, eu era a Luxúria integral, baixada ali para reinar como um espírito misericordioso e invencível, naquele morro assombrado e suas redondezas petrificadas (...). (IDEM, p. 80).

A mistura entre o sagrado e o profano na história de uma mulher que, embora não concorde com a ortodoxia do cristianismo, o respeita e se abre ao conhecimento, estudo e análise de outras religiões, como o candomblé e o espiritismo, fornece recursos para que ela própria cogite a hipótese de professar uma nova religião

(...) Seria o caso de perguntar que estranha religião é esta, que eu professo. Eu mesma não sei. Professar, professar mesmo, acho que não professo nenhuma, detesto religião organizada, qualquer que seja ela. Agora estão organizando até candomblé, é uma praga, a religião mais lindamente desorganizada do mundo e agora eles querem cobri-la de regras. Já li o *Livro dos espíritos*, achei que ia achar um bestialógico, mas não achei nada disso, pelo contrário, gostei muito, mas também não sou propriamente espírita e acredito que deixaria um bom espírita chocado, se dissesse a ele que a principal razão por que quero reencarnar é que na outra encarnação eu planejo comer quem por bobeira deixei de comer nesta. Também penso nisso, quando vejo ali meus budas. Não deixa de ser verdade, embora talvez não seja a principal razão. Não há a principal razão, na realidade eu não quero reencarnar, acho essa obrigação um saco. Não, eu não queria reencarnação, acho que, não posso compreender como, continuo católica, do jeito que fui criada. E você veja, sempre honrei Seu Santo Nome, embora nunca tenha aceito o magistério da Igreja. E nunca blasfemei, jamais saí de minha boca uma blasfêmia, uma queixa contra Ele, só louvor (...). (IDEM, p. 162).

O fato de continuar se considerando católica, mesmo fazendo o contrário de tudo que o catolicismo prega em relação ao sexo e à sexualidade, tem muito a ver com a possibilidade de interpretar os escritos bíblicos à sua maneira, extraíndo deles o que lhe interessa e traduzindo-os a bel prazer, afim de que sua consciência realmente não pese e de que não tenha de conviver com qualquer vestígio de culpa, que, por sinal, é sempre incutida por padres, a fim de que, o discurso recriminador seja perpetuado entre os fiéis. Por sinal, CLB também se mantém afastada de padres, já que

(...) O magistério da Igreja me enerva. Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece certo pensar, quero eu mesma me inteirar das boas novas, sem nenhum padre de voz de tenorinho gripado me ensinando incoerências, subestimando minha inteligência e repetindo baboseiras inventadas, semelhantes à desfaçatez de inventar que no Pentateuco há mandamentos como guardar castidade, que os homens santos não batizados foram para um tal de limbo e tantas outras criações conciliares, já li a bíblia de cabo a rabo e nunca vi nada disso nela (...). (IDEM, p. 14-15).

A desconfiança de CLB sobre aqueles que deturpam o Evangelho, realizando a exclusão de pessoas das igrejas ao invés do acolhimento, é o mote que a faz resistir, junto com o pensamento feminino, sem cogitar a hipótese de que esteja fazendo algo errado. Para a narradora de “A casa dos budas ditosos”, erra aquele que não age de acordo com a sua natureza e não segue o dom recebido por Deus. Contra qualquer forma de radicalismo, CLB deixa transparecer a impressão de que Deus acaba se divertindo com as inúmeras possibilidades de interpretação da Sua palavra quando afirma que “(...) não posso ter certeza de nada, que Deus me terá em Sua Glória e sei que ele agora está rindo”, (Idem, p.163), e, mesmo sofrendo de aneurisma cerebral que pode matá-la a qualquer momento, prefere agradecer a pedir.

(...) Agradeço muito a Deus, por Ele me ter dado a força, a determinação, a inteligência e a coragem para levar adiante o dom que recebi de nascença, digo isto com devoção, os burros não acreditam, os inteligentes vêem logo que é verdade. Eu nasci com um dom que Deus me deu e honrei esse dom, diferente de muitos outros, talvez quase todos. Ele fez a parte dele, e eu fiz a minha, como ordena o Livro (...). (Idem, p. 145).

A libertação da voz feminina, que João Ubaldo Ribeiro provoca na literatura com a concepção de CLB, torna perene, inovador e transgressor o seu enunciado, que ainda hoje, quase vinte anos após a publicação do romance “A casa dos budas ditosos”, encontra-se em consonância com a consciência feminista no Brasil, cujas lutas abrangem, também, ir contra o fundamentalismo religioso, que acaba gerando conservadorismo social e, além do princípio democrático de laicidade do Estado, ameaça constantemente os direitos sexuais e reprodutivos

já alcançados, além de dificultar a conquista de novos e necessários direitos, como a legalização do aborto, o casamento igualitário garantido por lei e a ampliação da dignidade de pessoas não hétero e não cisgêneras. Logicamente, o fato de CLB ser uma mulher com dinheiro e acesso ilimitado a instituições de educação e cultura, faz com que sua voz seja “mais respeitada” e as alegorias sexuais pormenorizadamente detalhadas em todo o romance, prendem leitores para, de fato, ouvirem essa mulher, que se percebe igual a qualquer um, até o fim.

(...) Este depoimento não é um romance, nem enredo tem (...) mas é o olhar pelo buraco da fechadura. Claro, minha vida não foi comum, mas eu basicamente sou igual a qualquer uma, nem pior, nem melhor. Sempre tive dinheiro e fui inteligente, o que certamente facilita as coisas. (...) E as pessoas lêem romances, biografias, confissões e memórias porque querem saber se as outras pessoas são como elas. (...) Querem saber se aquilo de vergonhoso que sentem é também sentido por outros, querem olhar mesmo pelo buraco da fechadura e, quanto mais olham, mais precisam olhar, nunca estarão saciadas. Faz bem e é reconfortante. Porque eu tenho a convicção de que a maior parte das mulheres e homens também é como eu e pensa que não, cada um pensa que é único em suas maluquices. Não é, não, somos todos iguais. (IDEM, p. 130).

Por fim, em um mundo marcado por constantes e incansáveis tentativas de “naturalizar” normas, atribuindo a certas identidades a condição de “normais” e, às outras, a de “desviantes”, CLB ensina, de maneira extremamente simples e objetiva, através da sua vida inteiramente dedicada à plena e saudável satisfação da sua luxúria, que, mesmo apresentando diferenças biológicas e culturais, no íntimo, naquilo que primeiramente nos constitui como seres humanos (no sentido espiritual, talvez) todas as pessoas são iguais e, por isso, devem ser tratadas de maneira justa e ética, perseverando no caminho da erradicação e superação do preconceito e da discriminação.

#### **4 UM DIÁLOGO PEDAGÓGICO COM “A CASA DOS BUDAS DITOSOS”: A LITERATURA COMO FERRAMENTA CAPAZ DE OPORTUNIZAR DIVERSOS MODELOS DE REFERÊNCIA EM GÊNERO E SEXUALIDADES**

Não é novidade que a posição do homem branco, cisgênero, heterossexual, cristão, de classe média foi sócio-histórica-culturalmente construída como “normal”, frente a todas as identidades que não correspondem a esta ou que desta se afastem, foi legitimada e reiterada como a identidade referência por várias práticas sociais, políticas e culturais, dentre elas a mídia, a literatura e os currículos das escolas e universidades. (LOURO, 2008).

Nesse sentido, a escola, que mesmo entendida como um ambiente democrático cujos principais objetivos centram-se em contribuir para a construção do saber e da cidadania, na maioria das vezes corrobora para a manutenção do *status quo* em relação à identidade referência, ao favorecer e disseminar apenas modelos canônicos de produção e socialização de conhecimento.

Tal situação pode ser revertida, caso professoras e professores preocupem-se mais em oportunizar a alunas e alunos o contato com vozes diversas, não canônicas e contra-hegemônicas. Partindo da leitura de obras literárias, como “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, por exemplo, isso pode ser desenvolvido em diferentes momentos, aulas, disciplinas e projetos interdisciplinares, dentro de escolas e demais instituições educacionais.

Não se configura como objetivo desse trabalho censurar ou indicar classes/turmas/anos/séries, bem como faixas etárias, cursos, níveis da educação e modalidades de ensino e, tampouco, metodologias de leitura (se a obra completa, fragmentos pré-selecionados ou apenas a contação da história ou de excertos dela) para o trabalho com “A casa dos budas ditosos” em salas de aula, pois, acredita-se que cada professora e professor, diante do perfil das turmas com as quais lidam e atendem cotidianamente, saberá utilizar a obra com bom senso, legitimando discussões abrangentes, elucidativas e com propósitos claramente definidos abarcando gênero e sexualidade, bem como suas possíveis implicações com interpretações religiosas.

Há, no entanto, a necessidade de perceber que a literatura, bem como toda manifestação artística, proporciona, a partir da leitura, análise e crítica de seus textos, além da compreensão daquilo que está dito, a possibilidade de preencher vazios deixados pelo não dito, permitindo, assim, que entre textos e leitores se instalem espaços sem limites. São

exatamente nesses espaços sem limites, que professoras e professores podem conduzir as reflexões, a fim de estreitar as lacunas que se criam entre a práxis pedagógica e os discursos que circulam em âmbito social, tais como os de gênero e sexualidade. Conforme Saraiva (2006, p.36),

o leitor exercita sua liberdade porque o texto literário é estruturado de maneira lacunar, sendo marcado, simultaneamente, pela determinação de significados e pela abertura à pluralidade de sentidos. Ele se oferece ao leitor como trabalho ou prática significante que exige o preenchimento (...) dos “espaços em branco” para que (...) possam funcionar. Dessa forma, não ditos assumem significações, as quais, por sua vez, também variam e se expandem em função da atividade do leitor, o que dá à leitura do texto um caráter mutável e transitório.

Indica-se, portanto, como proposta a releitura de “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, como instrumento pedagógico nas discussões de gênero. Para tanto, a leitura de uma obra literária deve ir além da exploração de elementos formais do gênero textual que a compõe, não se limitando à decodificação de significantes, mas se relacionando à visão de mundo de leitores, tentando ampliá-la. A leitura de textos literários proporciona, portanto, que alunas e alunos experimentem a possibilidade de entrar em contato com algo que lhes seja novo, proliferando, segundo Louro (2008, p. 19) “vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas e novos estilos de vida” que podem ser “postos em ação” e tornarem “evidente uma diversidade cultural que não parecia existir” anteriormente.

O trabalho com “A casa dos budas ditosos” em espaços educacionais oportuniza um rompimento com teorias e conceitos tradicionais e excludentes, que contemplam apenas a articulação com o canônico em termos literários, tornando-se, na maioria das vezes desencantador para estudantes, já que não promovem a aproximação destas e destes com a voz que se anuncia no texto e, muito menos, a oportunidade, sinalizada por Louro (2008, p. 20), “de falar por si e falar de si”.

Em uma sociedade em que a transgressão de fronteiras e normas sexuais e de gênero fica cada vez mais evidente, as escolas precisam encontrar maneiras de acolher a todas e todos e encorajar estudantes a superar as marginalizações e as repressões que sofrem diariamente. Por que uma dessas maneiras não poderia ser apresentar, em sala de aula, a história de uma bem humorada senhora de 68 anos que não vê pecado algum em ser quem se é e gostar do que gosta?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Configurar espaços educacionais como promotores dos Direitos Humanos é dever de educadores que se preocupam em tornar tais direitos prática pedagógica nas instituições em que atuam. O trabalho com a literatura possibilita que diversas disciplinas promovam discussões e reflexões sobre gênero e sexualidades, e suas relações com instituições religiosas, juntamente com os aspectos e conteúdos teórico-conceituais que constituem essas disciplinas.

Independentemente da metodologia adotada para a apresentação, em sala de aula, do romance “A casa dos budas ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, é possível trazer à tona e apresentar a estudantes a dimensão analítica das categorias gênero, sexualidade e religião, com a perspectiva de apontar que a opressão sobre comportamentos de mulheres que não seguem regras socialmente esperadas para que desempenhem papéis atribuídos ao seu gênero, caso de CLB, a narradora personagem da obra, deve servir para a reflexão e contribuir para a mudança de paradigmas em uma sociedade que deseja alcançar a igualdade de gêneros.

Além disso, é possível reiterar que condutas sexuais que destoam das convencionais, socialmente reconhecidas e aceitas não devem ser mote para opressão e discriminação de sujeitas/os que não se enquadram em padrões comportamentais heteronormativos. A expressão de sexualidades pode ser evidenciada como um fenômeno natural que contribui para a convivência e o respeito entre pessoas diversas.

É possível, também, conduzir alunas/os a perceberem que, independente da religião que sigam ou não, o sexo não deve ser visto como algo pecaminoso e digno de repúdio por parte de instituições religiosas dominantes e ultraconservadoras, já que, mesmo fazendo parte do privado, proporciona bem-estar aos seres humanos e compreende a esfera de direitos sexuais e reprodutivos.

A análise de obras da literatura contribui, também, para a desconstrução de preconceitos e proporciona debates e reflexões, sem hipocrisia, na sala de aula, lugar em que se espera formar cidadãs e cidadãos preparados/as para conviver com múltiplos valores e preocupadas/os em compor e solidificar uma sociedade mais justa e democrática.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes. BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. In: **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100007/8767>. Acesso em: 27 out. 2016.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes da. SILVA, Leila Rúbia da Costa. Os “Sete Pecados Capitais”, segundo Tomás de Aquino. In: **Ágora Filosófica**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/agora/arquivo/artigo%209.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984. cap. 16, p. 243-276.
- GARCIA, Olga Regina Zigelli. GROSSI, Mirian Pillar. Sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero. In: LAGO, Mara Coelho de Souza. Et al. **Especialização em gênero e diversidade na escola**. Livro III, Módulo III. Tubarão: Ed. Copiart, 2015.
- GUALBERTO, Ana Claudia F. Hilda Hilst e João Ubaldo Ribeiro: a luxúria transcrita sob um olhar de gênero. In: **Revista Ártemis**, n. 3, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2202/1941>. Acesso em: 12 set. 2016.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. In: **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. "Uma Igreja dos Direitos Humanos" onde "promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado": Notas sobre a identidade religiosa da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). In: **Mandrágora**, SBC, v.21. n. 2, p. 5-37, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5979/5060>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: GROSSI, Mirian Pillar. Et al. **Especialização em gênero e diversidade na escola**. Livro I, Módulo I. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC, 2015.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos budas ditosos: luxúria**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SARAIVA, Juracy Assman. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy Assman. MÜGGE, Ernani (et al). **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

WOLFF, Cristina Scheibe. SILVA, Janine Gomes da. Gênero: um conceito importante para compreender o mundo social. In: GROSSI, Mirian Pillar. Et al. **Especialização em gênero e diversidade na escola**. Livro I, Módulo I. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC, 2015.